

Jornal da Tarde



Na era da sacola reutilizável, São Paulo ainda **recicla pouco**

Regra da sacolinha já vale nesta quarta, mas cidade separa só 10% do lixo que pode ser reciclado

Eleitas as vilãs do meio ambiente no momento, as sacolinhas plásticas deixarão de ser distribuídas em parte dos supermercados de São Paulo a partir da próxima quarta-feira. A medida, porém, está longe de ser a solução dos problemas ambientais na capital, que separa apenas 10,7% do lixo possível de ser reciclado.

Ou seja, de um total de 2.000 toneladas que podem ser recicladas por dia, apenas 214 toneladas efetivamente são. Isso significa que, todos os dias, cerca de 1.800 toneladas de lixo, como sacolas plásticas, latas e garrafas, acabam no aterro sanitário junto com o lixo comum ou

são despejados irregularmente em ruas e córregos (veja quadro abaixo).

Isso acontece porque o programa de coleta seletiva da prefeitura só atende 1,6 milhão dos 3,9 milhões de domicílios paulistanos, que produzem diariamente 10 mil toneladas de lixo.

Para a coordenadora do Instituto GEA - Ética e Meio Ambiente, Ana Maria Domingues Luz, as sacolas plásticas foram eleitas as vilãs, mas são apenas "uma gota num oceano de lixo".

"A 'proibição' das sacolas é mais uma jogada de interesse econômico do que movimento a favor do meio ambiente. O poder público deveria investir mais em campanhas de conscientização e ampliar a coleta de material reciclável", afirma.

A prefeitura diz que o volume de lixo coletado - 214 toneladas/dia - "cresceu dez

vezes" desde 2003 e que vai entregar quatro centrais de triagem neste ano. Hoje funcionam 21 —as cooperativas separam o material e vendem para empresas interessadas nas matérias-primas.

Polêmica

Enquanto isso, prefeitura e governo do Estado apostam no acordo com os supermercados para banir as sacolas plásticas, já que a lei que previa isso está suspensa pela Justiça. A Apas (Associação Paulista de Supermercados) abraçou a ideia e diz que 95% do setor (4.000 lojas) vai aderir à campanha.

O Plastivida, entidade dos fabricantes das sacolinhas, diz que caixas de papelão e sacolas de pano são mais vulneráveis à contaminação e que a medida já provoca demissões. (Fabio Leite)

LEIA MAIS

sobre sacolinhas na pág. A5



■ Mulher separa lixo na Cooperativa Tietê, no Tatuapé (zona leste de SP), uma das 21 centrais de triagem parceiras da prefeitura, que promete mais quatro neste ano

FOLHA DE S. PAULO

Estudo detalha 'invisibilidade' dos garis

Pesquisa do Dieese revela que 25% dos funcionários da área de limpeza na cidade relatam casos de preconceito

"Tem hora que me sinto pior do que o lixo que carrego", diz faxineira; entre garis, 42% relatam discriminação

UIRÁ MACHADO
DE SÃO PAULO

Maria, 50, acorda antes das 4h para não chegar atrasada. Toma ônibus, trem e metrô e demora quase três horas no trajeto entre sua casa e o hospital onde trabalha como auxiliar de limpeza.

Ao chegar, tira a roupa "normal" e veste o uniforme com o qual passará as próximas oito horas de seu dia. A partir daí, ela conta que as pessoas a olham de forma diferente, com menosprezo.

"Tem hora que me sinto pior que o lixo que carrego", afirma Maria, que pede para não ser identificada.

Ela diz ter superado um episódio recente de perseguição — um funcionário do hospital sujava o chão sempre que ela limpava.

Carlos Barbosa, 35, é gari há sete anos e gosta do que faz: "Eu limpo a cidade. A rua está toda cheia de lixo. A gente passa e olha para trás. Ver tudo aquilo bonitinho, limpinho, é um orgulho".

Mas, assim como Maria, Carlos também sente o desprezo ligado a sua profissão. "É como se não existisse naquele momento, só por causa da roupa de gari."

ANÔNIMOS

Maria e Carlos são típicos trabalhadores da área de limpeza na cidade de São Paulo. São negros, pobres e convi-

vem diariamente com casos de discriminação.

Pela primeira vez, o perfil desses "trabalhadores invisíveis" será conhecido. O Siemaco (sindicato que representa a categoria) lançará amanhã um estudo inédito sobre os cerca de 100 mil responsáveis pela limpeza e conservação de São Paulo.

A pesquisa, conduzida pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), ouviu 1.851 coletores de lixo, varredores, auxiliares de limpeza, jardineiros.

Segundo Moacyr Pereira, presidente do Siemaco, eles são invisíveis aos olhos da maioria das pessoas.

"Eles são considerados invisíveis. Muitos reclamam que nunca são chamados pelo nome", diz.

De acordo com a pesquisa, 1 em cada 4 pessoas que trabalham com limpeza em São Paulo já sofreu discriminação. Entre os garis, esse percentual é maior. Chega a 42%.

Os números do preconceito, no entanto, também podem ser ainda maiores do que a pesquisa aponta.

Em conversa com a **Folha**, Maria e uma colega — que trabalha com ela no mesmo hospital — são questionadas sobre casos de discriminação.

A primeira reação de ambas foi dizer que não havia: "só coisas normais".

25% dizem

sofrer algum tipo de discriminação relativa ao trabalho que exercem

42% dos garis

afirmam sofrer preconceito

Categorias:

- Coletores de lixo
- faxineiras
- auxiliares de limpeza
- jardineiros

Mas normal como?

"Se está no elevador, a pessoa te vê e não entra. Se está no refeitório, não senta na mesma mesa. Se a gente pede licença, faz que não ouve. Não chama pelo nome, não pede por favor, todo mundo acha que pode mandar na gente", explicam.

No livro "Homens Invisíveis — Relatos de Uma Humilhação Social", de 2004, o psicólogo Fernando Braga da Costa relata a experiência de quase uma década trabalhando com garis.

Numa das primeiras vezes que Fernando vestiu o uniforme, o então estudante caminhou pela USP e passou por colegas e professores. Ninguém o reconheceu.

PESQUISA
DIEESE

1.851 pessoas

foram entrevistadas



Garis da prefeitura recolhem lixo após feira na zona norte de São Paulo; categoria é a que relata sofrer mais preconceito

Pesquisa indica que garis e coletores de lixo são vítimas de discriminação

Trabalhadores da área da limpeza na capital são negros, pobres e convivem com a discriminação, segundo estudo do Siemaco (sindicato que representa a categoria). A pesquisa, conduzida pelo Dieese, ouviu 1.851 coletores de lixo, varredores, auxiliares de limpeza e jardineiros. (FSP)

PESQUISA DIEESE

1.851 pessoas foram entrevistadas

■ **25%** dizem sofrer algum tipo de discriminação relativa ao trabalho que exercem

■ **42%** dos garis afirmam sofrer preconceito

Categorias

- coletores de lixo
- faxineiras
- auxiliares de limpeza
- jardineiros





PROCURAM-SE LIXEIRAS

P2 e P3



Faltam LIXEIRAS na cidade

O DIÁRIO fez uma blitz nas cinco regiões da cidade e constatou falta de lixeiras em ordem na maioria delas. Apenas o Centro está com os pontos de coleta de lixo em ordem



Fabio Pagotto

fabio.pagotto@diariosp.com.br

A falta de lixeiras nas ruas da cidade virou rotina. O problema fica ainda mais evidente nesta época de chuvas, quando o lixo jogado no chão vai direto para os bueiros, provocando entupimentos, transbordamento de água e cheias. O DIÁRIO visitou quatro ruas comerciais de cada região da cidade, além do Centro, a fim de verificar como está a situação das lixeiras. Na maioria delas, constatou que encontrar esses objetos em condições de uso é difícil.

Na região central, a situação é a melhor, principalmente perto

do chamado Centro Histórico, o triângulo formado pela Praça da Sé, largos São Bento e São Francisco. "Aqui no Largo São Bento, onde trabalho, tudo bem, há lixeiras novas e até mais do que o suficiente. Mas no final da Avenida Rio Branco, onde moro, já não é a mesma coisa", diz o auxiliar administrativo Cleber Souza, de 19 anos. "A Prefeitura tinha de colocar mais lixeiras na cidade toda", afirmou.

Um dos locais onde o problema é mais grave é na Avenida Voluntários da Pátria, em Santana, na Zona Norte. A reportagem chegou a andar três quadras sem que houvesse uma lixeira inteira. Exceção é a encontrada na frente do bar diante

do ponto de ônibus do número 1.164 da avenida. Ali, o dono do estabelecimento, Reginaldo Rocha e Santos, de 68 anos, adotou a lixeira e cuida dela há oito anos. "Eu lavo, limpo quando colam adesivos e cuido para que não quebrem", explicou o comerciante.

Na Avenida Lins de Vasconcelos, na Vila Mariana, Zona Sul, a situação é semelhante, mesmo próximo a locais movimentados como as redondezas da Estação Vila Mariana do Metrô. Muitas das lixeiras estão desaparecidas, restando apenas os cliques metálicos que as prendem junto aos postes. Em alguns casos sobrou só a tampa. "Aqui os bueiros vivem entupi-

dos e acho que a falta de lixeiras é um dos motivos", disse a arquiteta Janete Trolles, de 53 anos, moradora do bairro.

Na Rua da Mooca, na Zona Leste, repete-se o cenário. É preciso andar longos trechos para descartar o lixo corretamente. "Várias vezes venho tomando refrigerante e não tenho onde jogar a latinha antes de entrar no ônibus", disse Bruno Moraes Fernandes, de 28 anos, dono de uma loja virtual.

Na Avenida Teodoro Sampaio, em Pinheiros, Zona Oeste, algumas estão quebradas. "Aqui está razoável, mas é só sair um pouco que já somem as lixeiras", falou o estudante Ruiz Santos, de 23.

Prefeitura afirma que vai substituir equipamentos

■ A Prefeitura informou, por meio de nota, que adotou um novo modelo de limpeza pública que, de acordo com esses planos, as lixeiras deverão ser renovadas. “A cidade vai ganhar mais 150 mil novas lixeiras, que já começaram a ser instaladas. A Prefeitura também está investindo em tecnologia e os equipamentos novos contam com um sistema de leitura ótica que permite sua localização e a fiscalização sobre a higienização”, diz a nota.

A responsabilidade da manutenção agora será das empresas contratadas, segundo a administração municipal. “As lixeiras agora devem ser mantidas pelas empresas que fazem os serviços de limpeza da cidade”, afirmou.

De acordo com a Prefeitura, a Secretaria de Coordenação das Subprefeituras aumentou o número de lixeiras instaladas na cidade de 8 mil, em 2005, para mais de 36 mil em 2011. “É necessária a troca anual de 20% destas lixeiras, tanto por furto como por depreciação. Em média, são substituídas 20 lixeiras por dia na cidade”, diz a Prefeitura.

PROBLEMA SÉRIO

“A distância de uma lixeira para outra é muito grande e muitas estão quebradas”

*_ Bruno Moraes Fernandes
Lojista virtual*

Maior parte está ruim



Zona Norte

A Avenida Voluntários da Pátria, em Santana é um dos locais onde há maior ausência de lixeiras. Muitas foram vandalizadas

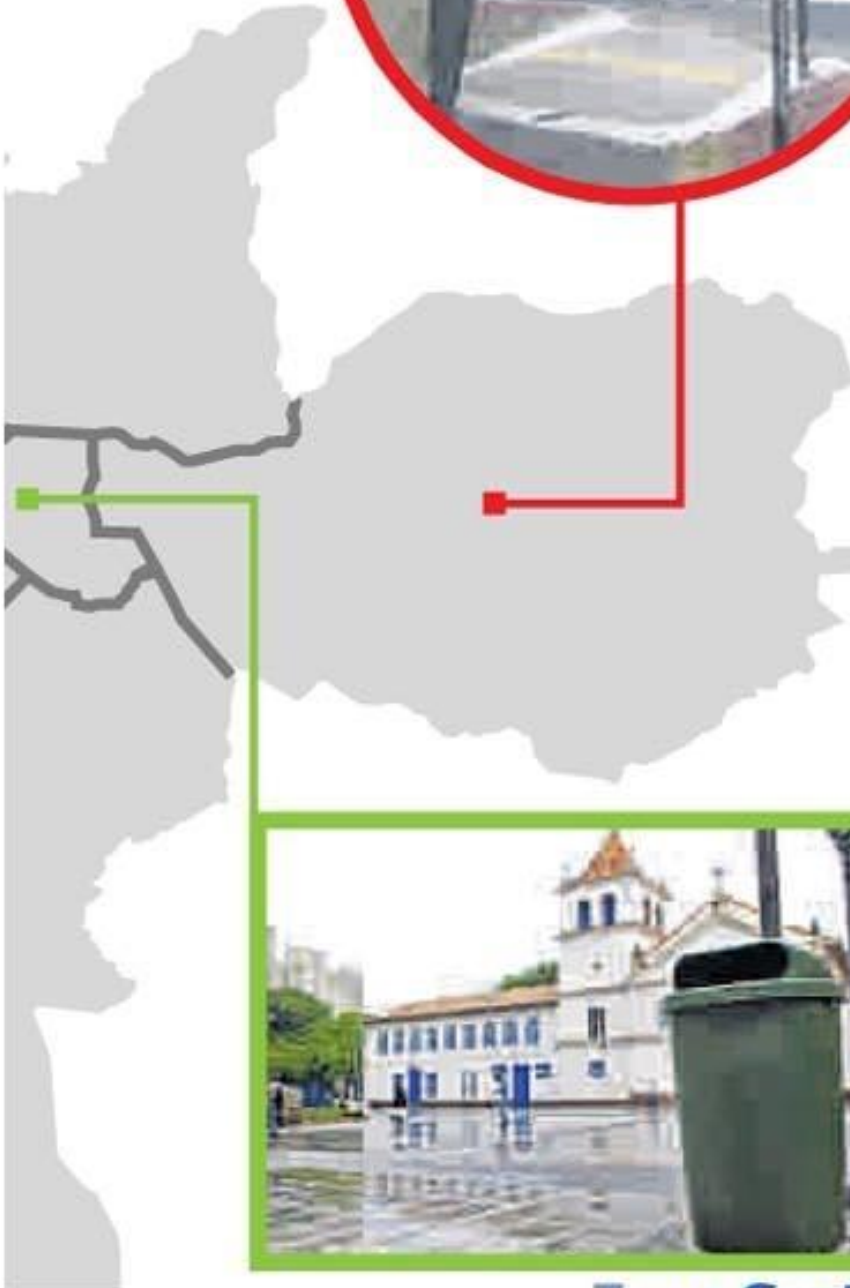


Zona Oeste

Na Avenida Teodoro Sampaio, em Pinheiros, a maioria das lixeiras está em ordem, mas há diversas quebradas

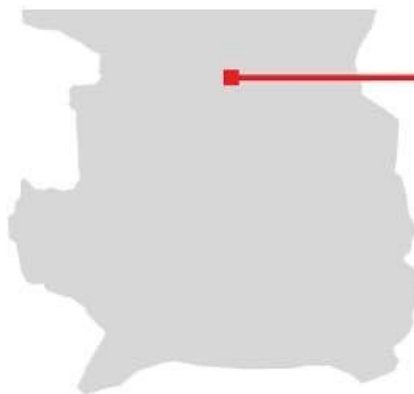
Zona Leste

A Rua da Mooca precisa de novos equipamentos de coleta de lixo. Em muitos casos sobrou só a tampa das lixeiras



Zona Centro

Primeiro alvo da renovação da Prefeitura, a região central é a única onde há lixeiras novas e em boas condições



- Ruim:** as lixeiras, na sua maioria, estão ausentes ou insuficientes, quebradas ou sujas
- Regular:** parte das lixeiras ausentes ou quebradas
- Bom:** maior parte das lixeiras em bom estado de conservação e em número suficiente

Zona Sul

Na Avenida Lins de Vasconcelos, na Vila Mariana, também só sobrou a tampa da maioria dos equipamentos de coleta



LIXO no bueiro

"Por falta de lixeiras, o lixo nas ruas entope os bueiros", lembra a arquiteta Janete Trolles, de 53 anos



LONGA caminhada

"Para jogar lixo, só andando muito", afirma o lojista Bruno Moraes Fernandes, de 28 anos



FALTA equipamento

"Têm lixeiras, mas ainda estão faltando algumas no Centro", reclama Cleber Souza, de 19 anos



MAIS locais

"Precisa colocar lixeiras no resto da cidade também", aponta o estudante Ruiz Santos, de 23 anos



EXEMPLO positivo

"Cuido eu mesmo da lixeira diante do meu bar", conta Reginaldo Rocha e Santos, de 68

Televisão e Rádios

Eli Corrêa Filho: Ouvinte reclama dos moradores de uma favela deixar lixos em frente a sua casa

(08:25) - 23/1/2012 (Fonte: Rádio Capital AM - SP - Eli Corrêa - 23/01/2012 08:19)

<http://www2.boxnet.com.br/pmsp/Visualizacao/RadioTv.aspx?IdClipping=18508052&IdEmpresaMesa=&TipoClipping=A>